

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTEGRADA

MÓDULO IX

Projeto de Intervenção Pedagógica:

Reflexões acerca da educação integral, com vistas à prática de pesquisa voltada ao ensino

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza - UFSC

Prof.^a. Dra. Ana Maria Petraitis Liblik - UFPR

Prof.^a Dr.^a Clarícia Otto - UFSC

Prof.^a. Dra. Verônica Branco - UFPR

AGOSTO DE 2010.

SUMÁRIO

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor

Alvaro Toubes Prata

Vice-reitor

Carlos Alberto Justo da Silva

Pró-reitora de Ensino de Graduação

Yara Maria Rauh Müller

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão

Débora Peres Menezes

Secretário de Educação a Distância

Cícero Barbosa

Diretor do Centro de Ciências da Educação

Wilson Schmidt

Curso de Extensão:

Educação Integral e Integrada

Coordenador Geral

Ana Cláudia de Souza

Coordenadora de Tutoria

Clarícia Otto

Secretário do Curso

Maurici de Oliveira

Desenvolvimento de Materiais

Coordenação

Ana Cláudia de Souza

Criação do Projeto Editorial

Márcio Augusto Furtado da Silva

Design Instrucional

Andressa da Costa Farias

Apoio de Produção de Materiais

Maurici de Oliveira

Revisão Gramatical

Wladimir Antonio da Costa Garcia

Ambiente Virtual

Lucas Zago

Ilustrações e Diagramação

Dayane Alves Lopes

Apoio de Rede

Tiago Mazzutti

Governo Federal

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Educação

Fernando Haddad

Secretário de Ensino a Distância

Carlos Eduardo Bielschowky

Coordenador Nacional da Universidade Aberta do

Brasil

Celso Costa

Secretário de Educação Continuada,

Alfabetização e Diversidade

André Lázaro

Módulo IX

Apresentação 04

Submódulo I - Reflexões sobre experiências educativas . 06

Apresentação 06

Objetivo 06

Unidade 1 - Escola integral ampliação educacional situada na permanência e no diálogo entre diferentes espaços ... 07

Referências 18

Sobre os autores 20

Submódulo II - Fundamentos da educação integral 21

Apresentação 21

Objetivo 22

Unidade 1 - Pesquisa e ensino: um diálogo necessário ... 22

1.1 Por que elaborar um planejamento de ensino a partir da pesquisa?..... 24

1.2 As principais etapas de um Projeto 25

Referências 32

Sobre os autores 33

Iconografia do Módulo



Glossário



Legislação



Saiba mais



Link



Fórum



Dica de leitura



Chat



Atividade



Página colaborativa-WIKI

Apresentação

Prezado Cursista!

Estamos chegando ao final deste Curso de Aperfeiçoamento, no qual você já percorreu oito módulos, a saber:

1. Introdução à Educação a Distância: da Oralidade à Informática;
2. Desenvolvimento da Educação Integral no Brasil e o Estudo das Artes;
3. Reflexões e Apontamentos sobre Educação Integral e Integrada e o Estudo das Linguagens Verbal e Matemática I;
4. Políticas Pedagógicas e o Estudo das Linguagens Verbal e Matemática II;
5. Políticas Públicas e o Estudo das Linguagens Verbal e Matemática III;
6. A escola, a Cidade e a Pedagogia Cultural na Educação Integral e Integrada;
7. Memória e Patrimônio na Educação Integral e Integrada;
8. Psicologia do Desenvolvimento: Cognição, Ensino e Aprendizagem.

Os dois últimos Módulos visam à elaboração de um planejamento de ensino a partir da pesquisa acerca da realidade da comunidade e da escola das quais você é ator. Assim, o Módulo IX propõe a reflexão e o desenvolvimento de um plano de pesquisa e trabalho pedagógico voltado à escola integral e integrada tal como vimos discutindo ao longo deste Curso de Aperfeiçoamento.

Este Módulo se subdivide em dois momentos, que serão oferecidos com a intercalação do Módulo X - Práticas Pedagógicas enquanto Práticas Sociais, o qual se propõe revisitar as discussões dos módulos anteriores e vincular os trabalhos das áreas de especialidade que se inserem na educação básica, objetivando a construção, ainda que no plano hipotético, de uma escola integral.

O primeiro submódulo – Reflexões sobre experiências educativas - discute a perspectiva da escola integral atrelada à comunidade, aos atores e aos espaços de circulação compreendidos no entorno da instituição de ensino. O segundo submódulo visa ao desenvolvimento de um projeto de ensino ou de um registro de experiência na escola integral, que se fundamente nas discussões teóricas acerca da educação integral e também nas experiências de ensino e de estudo de cada um de vocês como efetivos docentes da educação básica.

Neste Módulo, objetiva-se, principalmente, articular pesquisa e ensino dentro de uma escola que se deseja integral e integrada.

Boa pesquisa!

Professoras Clarícia e Ana Cláudia

Submódulo I

Reflexões sobre experiências educativas

Prof^a. Dra. Ana Maria Petraitis Liblik - UFPR

Prof^a. Dra. Verônica Branco - UFPR

Apresentação:

A educação integral tal como a concebemos atualmente se insere em uma escola que agrega seus esforços aos das demais instituições sociais da comunidade para, de forma integrada, dialogar e compartilhar as responsabilidades da construção de um projeto comum de educação do indivíduo e do grupo que pressupõe que escola, família, comunidade e instituições sociais se organizem como um espaço instigador de aprendizagens. É partindo dessa perspectiva que este submódulo de reflexões sobre experiências educativas se desenvolve.

Objetivos:

Mapear os espaços sociais de circulação do estudante, inclusive na escola, e dos sujeitos que podem estar envolvidos no processo de ensino e aprendizagem com vistas à implantação da educação integral e integrada.

Unidade 1 - Escola integral – ampliação educacional situada na permanência e no diálogo entre diferentes espaços

Uma escola denominada integral deve considerar que é diferente de uma escola de turno integral. Escola integral não é aquela que apenas estende o tempo em que o estudante nela permanece em atividades lúdicas, mas aquela que se responsabiliza pelos estudantes em um período maior do que o regular previsto na legislação (LDB 9.394/96), ampliando seus horizontes pessoais, culturais e sociais.

Na sociedade contemporânea, a escola sozinha não pode mais dar conta de toda a formação e da aprendizagem que os jovens necessitam, mas cabe a ela assumir o papel de protagonista no processo de organização das forças sociais comunitárias. Assim a educação integral que se propõe hoje não pensa em uma escola que isole o indivíduo de sua comunidade objetivando protegê-lo, pois sem conviver em sua comunidade ele não tem como desenvolver o direito de cidadania (BRANCO, 2009).

Parrat-Dayán (2006) aponta que a educação para a cidadania é um problema muito atual que tem aparecido com frequência na literatura pedagógica, com múltiplos significados que precisam ser delimitados e esclarecidos, porém. Para explicitar o que entende por cidadania e por educação para a cidadania, a autora apóia-se em Perrenoud (2002), quando diz que:

se a cidadania está em crise é provavelmente porque a justiça está em crise, porque as desigualdades aumentam, porque o conhecimento é desigual, porque há sofrimentos insuportáveis e incompreensíveis.” (PERRENOUD, 2002 apud PARRAT-DAYAN, 2006, p. 20).



Saiba mais. Acesse:

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

Assim, para a mencionada autora, as questões ligadas à cidadania são amplas, complexas e refletem todas as práticas sociais desenvolvidas pelos agrupamentos humanos. Aponta ainda Parrat-Dayan que a escola não é responsável pelo aumento da violência, do individualismo e do enfraquecimento do vínculo social, porém é sobre ela que recaem as expectativas de mudança desse quadro e é por isso que considera que as questões sobre cidadania, ética, democracia e educação pertencem a um mesmo contexto, sendo impossível separá-las. Assim sugere que a escola pode desenvolver práticas em que a convivência entre tantos outros diferentes no mesmo espaço permita uma vida em harmonia. No entanto, para que isso ocorra, aponta que a escola precisa modificar a forma como os conteúdos são trabalhados, precisa passar do discurso à prática. Precisa que os adultos que fazem a mediação entre os estudantes deixem de impor um discurso coercitivo e regras vindas do exterior que só estimulam a obediência cega à autoridade e à moral heterônoma. Tal prática precisa ser substituída pela construção do respeito mútuo entre pares, pela oportunidade de os estudantes discutirem suas idéias, tomarem suas decisões e avaliarem os resultados dessa gestão. A autora deixa claro que essa prática não ocorre espontaneamente. É preciso ser estimulada e praticada com frequência para que possa dar lugar à cooperação.



Portanto, a cidadania é compreendida como um processo a ser desenvolvido com os estudantes e pelos estudantes nas práticas de gestão das questões escolares com as quais estão envolvidos, e não com regras e instruções dissociadas das situações reais de vida. Trata-se de viver na escola e na comunidade situações de compartilhamento de ações e decisões. Não se trata mais de subir os muros da escola e viver um faz-de-conta protegido e irreal, mas de baixá-los e de se abrir para a comunidade, ampliando o território de uso e circulação. Os estudantes precisam circular pelo bairro, pela cidade e pelos equipamentos e espaços públicos para que possam conhecê-los; ver como as pessoas os utilizam, para valorizá-los e construir assim sua identidade de cidadão e a noção de pertencimento na relação com a sua comunidade.

Ao mesmo tempo em que essa noção/sentimento se desenvolve, também a cidade vai tomando conhecimento da existência desses cidadãos que por ela circulam, acostumando-se com eles, interessando-se por eles e passando aos poucos a responsabilizar-se por eles. Por essa razão é que se pode dizer que não existe a priori uma cidade educadora; é o envolvimento de todos com a educação das novas gerações que faz com que essa atividade assuma importância vital para a cidade.

Foi pensando na constituição e efetivação da responsabilidade de uma cidade educadora que, em 1990, em Barcelona, a educadora Marta Mata propôs um ideal cívico e educativo que se inscreveu no conceito de "Cidade Educadora". Trata-se de um ideal educativo amplo a ser desenvolvido pela comunidade comandado pela gestão pública municipal a quem cabe organizar os representantes democráticos dos diferentes segmentos sociais para garantir a todos as possibilidades de desenvolvimento de suas potencialidades e o direito de participação nas ações e decisões comunitárias, considerando que:

[...] Um dos sentidos principais da educação é a capacidade de impulsionar o melhor crescimento possível ou desenvolver as potencialidades e pro-

jetos das pessoas e dos grupos humanos; por sua parte, é importante atentar para o fato de que a interação entre as pessoas e as instituições, associações, empresas ou grupos de qualquer tipo tem precisamente a virtude de gerar estímulo para o crescimento e a plenitude de todos os que convivem no espaço urbano, significando isso que todos têm responsabilidade educativa. (Asociación Internacional de Ciudades Educadoras, 2009, p.25).

Segundo esse movimento, que está completando seus 20 anos, a cidade educadora é aquela que desenvolveu uma consciência da importância de todas as possíveis repercussões mútuas que as pessoas e os grupos exercem sobre a convivência e se esforça por difundir essa consciência.

A Educação integral de hoje pressupõe que a escola seja capaz de juntar seus esforços aos das demais instituições sociais da comunidade para, de forma integrada, dialogar e compartilhar as responsabilidades da construção de um projeto comum de educação que pressupõe, no dizer de Torres (2003), que escola, família, comunidade e instituições sociais organizem-se como uma comunidade de aprendizagem:

Uma comunidade de aprendizagem é uma comunidade humana organizada que constrói um projeto educativo e cultural próprio para educar a si própria, suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências, mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências. (TORRES, 2003, p 83).

O conceito de comunidade de aprendizagem amplia a ação da escola para além de seus muros; engloba a presença de muitos outros atores além dos professores e congrega muitos saberes originários de diferentes contextos e culturas para dentro do cur-

riculo escolar. É uma comunidade em que todos aprendem.

A Educação Integral de hoje para ser real precisa desenvolver-se em territórios mais amplos, em múltiplos espaços e lugares: na escola e também nas praças, nas ruas, nas bibliotecas, nos museus, nos teatros, etc., de tal forma que locais com potencial educativo até hoje ignorados pela escola possam ser utilizados pelo grupo de aprendizes para suas explorações e descobertas, porque, se esses locais e equipamentos fazem parte da vida social desses grupos, estão plenos de significados e valores para serem apreendidos.

Para possibilitar aos estudantes a aquisição do saber acumulado pelas gerações anteriores e ainda dar conta das novas tarefas que se colocam, como: a inclusão da cultura, do esporte e das artes; a inclusão e a exploração dos recursos da comunidade e dos saberes que nela circulam, a educação integral de hoje precisa ainda construir um novo currículo escolar e aumentar e qualificar o tempo de permanência das crianças sobre responsabilidade da escola, como aponta Moll (2008):

[...] entende-se que o tempo qualificado é aquele que mescla atividades educativas diferenciadas e que, ao fazê-lo, contribui para a formação integral do aluno, para a superação da fragmentação e do estreitamento curricular e da lógica educativa demarcada por espaços físicos e tempos delimitados rigidamente. Nesse sentido, entende-se que a extensão do tempo – quantidade – deve ser acompanhada por uma intensidade do tempo – qualidade – nas atividades que constituem a jornada ampliada na instituição escolar. (MOLL, 2008, p 29).

Ampliar o tempo de permanência na escola é possibilitar que os estudantes realizem múltiplas experiências e possam repetilas outras tantas vezes para que se incorporem em suas vivências. Não se trata de ir uma única vez ao museu ou ao teatro e

guardar essa única experiência como um deslumbramento, e sim fazer várias visitas, para que os muitos olhares, realizados em diferentes momentos, incorporem-se definitivamente nas suas aprendizagens.

Para concluir este momento de exposição de como se compreende a escola integral para além de seus próprios espaços, retomemos as três metas que as políticas públicas procuram desenvolver com vistas a esta perspectiva educacional:

1. ampliação do tempo em que os alunos permanecem sob a responsabilidade da escola;
2. ampliação da extensão territorial para além dos muros da escola, fazendo um mapeamento de espaços e lugares no seu entorno;
3. ampliação do quadro docente com a utilização de outros profissionais da comunidade tais como músicos, artesãos, para trabalhar com os alunos no tempo expandido.

Destaca-se que um projeto de intervenção pedagógica deve ser estruturado a partir dos "princípios de interação, da problematização, da resolução de problemas e da cooperação" (1º Edital da SECAD de cursos para a diversidade, 2008, s/p), na sociedade maior que é o universo onde vive o indivíduo. Interagir, problematizar o cotidiano, resolver problemas em parceria com outros sujeitos da comunidade é viver integralmente.

Como atividade relativa a esta primeira etapa de elaboração de um de projeto de intervenção ou de um relato de experiência, você deve mapear a realidade da escola e da comunidade em que atua como docente, vislumbrando a perspectiva de uma possível implantação da escola integral, caso você não esteja nela inserido. Se você atua em uma escola integral, a abordagem será de descrição do entorno e do projeto desta escola.

Neste registro e mapeamento da realidade local, recomenda-se que você observe os seguintes fatores, lembrando que é imprescindível haver flexibilidade, ou seja, a observação deve caracterizar o mapeamento, não o contrário. Os fatores aqui indicados de modo algum devem enviesar os dados de observação.

Sugestão de fatores a observar: população (número, ascendência, etc.); economia (comércio, indústria, turismo, agricultura, etc.); cultura (teatro, cinema, museus, bibliotecas, centros de eventos, parques, praças, clubes, manifestações folclóricas, etc.); instituições de ensino (escolas públicas, privadas, escolas com objetivos específicos a exemplo de música, dança, informática, idiomas, artesanato, etc.); governo (programas, incentivos, participação, etc.).



Para elaborar um relato ou um mapa da realidade local, você pode recorrer a observações e visitas in loco ou à pesquisa na internet com vistas a obter dados, informações, fontes, acessos a documentos junto aos órgãos públicos ou privados.

Esta atividade será registrada no diário virtual na medida em que se desenvolve. Além disso, para promover o diálogo, os registros devem ser discutidos com os tutores a distância individualmente



Saiba Mais:

Sobre educação e escola integral, leia mais em:

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/etm_1.php?t=001

Neste sítio, você terá acesso a um grande número de textos que, a seu modo, complementam a discussão acerca da educação integral e integrada.

e em grupo. Posteriormente, solicita-se que haja reagrupamentos considerando os cursistas de cada um dos pólos de apoio presencial.

Atenção - Etapas de Trabalho:

1º) Observação e registro no diário virtual, individualmente e sob a orientação do tutor a distância;

2º) Discussão com os colegas que estão sob a mesma orientação a distância;

3) Discussão, nos pólos de apoio presencial, sob a orientação dos tutores presenciais.

Estes procedimentos promovem: 1) o monitoramento da pesquisa e do registro individual com o acompanhamento e avaliação do tutor a distância sob a orientação das professoras, 2) a reflexão e a interação sobre os registros de observação com os demais colegas que estão sob a mesma tutoria a distância e que fazem parte de comunidades distintas, 3) o diálogo e a revisita aos registros a partir do compartilhamento com os colegas professores e tutores presenciais que fazem parte de um mesmo local educativo, pensando-se na esfera municipal.

ATENÇÃO !!!

Professor-cursista!

O registro (em forma de texto contínuo, mapa ou esquema), deve informar:

- 1) o que se está registrando (o tema);
- 2) por que se está registrando (objetivo);
- 3) quais fatores estão sendo considerados (delimitação);
- 4) procedimentos e instrumentos de coleta, de organização e análise das informações (metodologia);
- 5) resultados obtidos.



Ferramenta DIÁRIO-

Sites que podem auxiliar para busca de informações: (museus, parques, prefeituras, eventos).

Pense em como articular a escola junto a estes espaços, em formas de integrar conhecimento e experiência através de visitação, patrocínios, parcerias. Procure entrar em contato, relatar a acolhida, a resposta ou não, escrever no DIÁRIO VIRTUAL experiências já vivenciadas nestes lugares.

Sugestões de sites:

FLORIANÓPOLIS:

- <http://portal.pmf.sc.gov.br/>
- <http://www.pmf.sc.gov.br/portal/franklin/>
- <http://www.fenaotra-floripa.com.br/>
- <http://www.museuvictormeirelles.org.br/>
- <http://www.aguashowpark.com.br/>
- http://www.pmf.sc.gov.br/floram/nova/parques/lagoa_peri.htm
- <http://www.audiovisualmercosul.com.br/>
- <http://www.avai.com.br/home/>
- <http://www.figueirense.com.br/>

CRICIÚMA

- <http://www.criciuma.sc.gov.br/>
- <http://www.parqueverde.com.br/>
- <http://www.criciumaclube.com.br/>
- <http://www.avai.com.br/home/>
- <http://www.figueirense.com.br/>



TUBARÃO

<http://www.tubarao.sc.gov.br/>

<http://www.tubarao.sc.gov.br/secretarias/cultura-esporte-e-turismo/biblioteca-municipal>

<http://www.tubarao.sc.gov.br/secretarias/cultura-esporte-e-turismo/museus>

<http://www.tubarao.sc.gov.br/secretarias/cultura-esporte-e-turismo/casa-da-cidade>

<http://www.avai.com.br/home/>

<http://www.figueirense.com.br/>

ITAPEMA

<http://www.itapema.sc.gov.br/home/>

<http://www.itapemapark.com.br/>

<http://www.overmundo.com.br/guia/projeto-vida-itapema-pro-vida-inaugura-centro-de-referencia-cultural-pro-vida>

<http://www.avai.com.br/home/>

<http://www.figueirense.com.br/>

INDAIAL

<http://www.indaial.sc.gov.br/prefeitura/pagina.php>

<http://www.parquerecantodosanjos.com.br/>

<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/jsc/19,0,2840830,Indaial-reabre-museu-ferroviario.html>

<http://www.avai.com.br/home/>

<http://www.figueirense.com.br/>



JOINVILLE

<http://www.joinville.sc.gov.br/>

<http://www.festivaldedanca.com.br/>

<http://www.museunacional.com.br/>

<http://www.joinvillecultural.sc.gov.br/>

<http://www.avai.com.br/home/>

<http://www.figueirense.com.br/>

ARARANGUÁ

<http://www.avai.com.br/home/>

<http://www.figueirense.com.br/>



Fórum:

Indique para os colegas de curso neste fórum um local cultural, turístico ou artístico para ser visitado, com propósitos educativos, na sua região. Explícite os motivos.

Referências

ASSOCIAÇÃO Internacional de Ciudades Educadoras (Org.). Educación y vida urbana: 20 años de Ciudades Educadoras. España: Santillana, 2009.

BRANCO, V. Desafios da construção da Educação Integral: formação de professores-alfabetizadores do município de Porecatu – Paraná. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2009.

CADERNOS Cenpec/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. – N. 2 (2006) – São Paulo: CENPEC, 2006.

COLL, C. Educação, escola e comunidade: na busca de um compromisso. In: Comunidade e escola: a integração necessária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MOLL, J. Caderno Educação Integral: Série Mais Educação. Brasília: MEC, SECAD, 2008.

MUITOS Lugares para Aprender. Centro de Estudos em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec – São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003.

PARRAT-DAYAN, S. A atitude democrática como prática da cidadania: o papel do professor. In: SCHIMIDT, M.; STOLTS, T. (Org.). Educação, cidadania e Inclusão Social. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

PERRENOUD, P. A escola e a aprendizagem da democracia. . Porto: ASA , 2002.

SEMINÁRIO Nacional Tecendo Redes para Educação Integral/ Organização Cenpec – Centro de Estudos em Educação, Cultura e Ação Comunitária. – São Paulo, 2006.

TORRES, M. R. A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: Muitos lugares para aprender. Centro de Estudos em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec – São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003.

Sobre os autores:

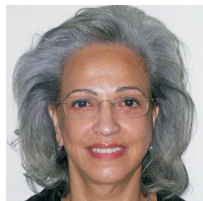
Ana Maria Petraitis Liblik



Possui graduação em Bacharel em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974), graduação em Licenciatura em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1996) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professora adjunto da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação matemática, arte-educação, matemática e alfabetização Matemática.

<http://lattes.cnpq.br/8670274334867588>

Veronica Branco



Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (1970) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1991). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: Alfabetização, aprendizagem construtivista, educação integral, lingüística aplicada, Pedagogia e interação social.

<http://lattes.cnpq.br/7453194624080979>

Submódulo II

Reflexão e elaboração ou registro de proposta de atividade educativa: funções e etapas

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Souza - UFSC

Prof.^a Dr.^a Clarícia Otto - UFSC

Apresentação:

Na primeira parte deste Módulo IX, você fez um levantamento da realidade de seu município e escola, identificando potencialidades a serem canalizadas em prol da educação, isto é, em benefício de uma escola integral. Pois bem, chegou o momento de realizar a parte II do Módulo IX – planejamento ou registro de uma atividade educativa.

Para realizar o trabalho aqui proposto, recomenda-se que você revise os Módulos do Curso, conforme as indicações e revisões do Módulo X, e reorganize o conhecimento adquirido.

Sugerimos que você considere, na elaboração do registro ou da proposta de intervenção, que a escola integral pode ser uma estratégia de melhoria da qualidade do ensino básico e um caminho para o exercício da cidadania.

Objetivos:

Dependendo de sua experiência e realidade docente, neste submódulo, objetiva-se:

1. ou construir um projeto de intervenção pedagógica para uma escola integral contemplando uma ou mais áreas de conhecimento abordadas ao longo do curso;
2. ou registrar as experiências de ensino integral, procedendo à devida avaliação do projeto e de sua implantação.

Unidade 1 - Pesquisa e ensino: um diálogo necessário

Paulo Freire (2006), ao tratar acerca dos saberes necessários à prática educativa, diz que para ensinar é preciso pesquisar a realidade e “compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.” (FREIRE, 2006, p. 98).

Nesse sentido, com base no conhecimento da realidade de sua localidade, ou seja, de posse do mapeamento já realizado, planeje uma atividade educativa em forma de projeto, a qual poderá vir a ser desenvolvida em uma escola integral. Caso você atue em uma escola integral, descreva e analise o projeto e sua implantação.

Vale lembrar que tanto o relato de experiência em ensino integral quanto o planejamento poderão contemplar somente a sua área de conhecimento ou outras áreas, de forma interdisciplinar, de acordo com a experiência vivenciada ao longo deste curso.

Ademais, você deve ter em mente que se trata de um projeto elaborado individualmente e discutido em dois momentos e com grupos distintos (agrupamentos por tutor a distância e agrupa-

mentos por tutor presencial), e que a sua viabilização só se dará se a escola for contemplada com políticas de gestão e de práticas de educação integral. Assim, na elaboração de um projeto de educação integral é necessário que se leve em consideração a dimensão política que lhe é subjacente e o tipo de gestão que a escola integral pressupõe.

A implantação de escolas de educação integral é um processo lento e requer um conjunto de novas estratégias, tanto individuais quanto coletivas, assumidas pelas diferentes instâncias do poder público. Fazer da escola um projeto individual e coletivo é um processo que, paulatinamente, vai se sedimentando, com o efetivo envolvimento dos sujeitos.

Dessa forma, mesmo sabendo que no plano operacional se trata de um projeto de longo prazo e que depende do comprometimento do poder público, você pode, de acordo com as suas funções de docente, elaborar um plano de trabalho, fundamentado em investigação, a ser desenvolvido em uma escola integral.

Envio de Mensagem: Envio de **MENSAGEM** a **PARTICIPANTE** do CURSO - categoria **ESTUDANTE**.

Entrevista com Pedro Demo sobre Pesquisa na Escola. **LEIA!**

<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0035.asp>

Posteriormente envie seu comentário a outro estudante participante do Curso de Educação Integral e Integrada. Identifique-se ao colega.

Envie cópia da mensagem ao seu tutor a distância.





1.1 Por que elaborar um planejamento de ensino a partir da pesquisa?

Assim como para qualquer viagem, no processo educativo você precisa planejar. O planejamento ou projeto de ensino estabelecerá as etapas a serem percorridas na busca e produção do conhecimento. Obviamente, o projeto de ensino precisa ser um instrumento flexível, pois, no decorrer do processo de ensino/aprendizagem, poderão ocorrer mudanças em decorrência da interação entre os sujeitos e da constante avaliação.

O professor que se auto-avalia compreende que planejar é uma necessidade do próprio ofício. Sem planejamento, o processo educativo se transforma num trabalho sem direção. Assim, elaborar um plano de atividades ou um projeto devidamente fundamentado é o primeiro passo necessário para o professor se pôr a caminho, visando construir uma escola integral.

O projeto funciona como uma espécie de carta de intenções do grupo de educadores e gestores e é um instrumento a direcionar o trabalho na escola. As principais finalidades de um projeto, inerentes ao desenvolvimento de processos educativos, são:

1. conhecer e delinear a realidade educativa local, suas características e necessidades;
2. apresentar os objetivos norteadores do processo a partir do conhecimento da realidade;
3. visualizar as atividades em andamento e vislumbrar aquelas que propiciarão o alcance dos objetivos;
4. instrumentalizar o diálogo entre os professores e outros colaboradores;
5. contribuir como ferramenta para elaboração e sistematização de idéias;
6. funcionar como roteiro de trabalho;
7. servir como instrumento de planejamento e direcionador das atividades.

Atividade - Leitura:

Recomendamos a leitura da primeira parte do livro abaixo indicado, disponibilizada no AVEA, na Webteca deste submódulo:

BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

1.2 As principais etapas de um Projeto

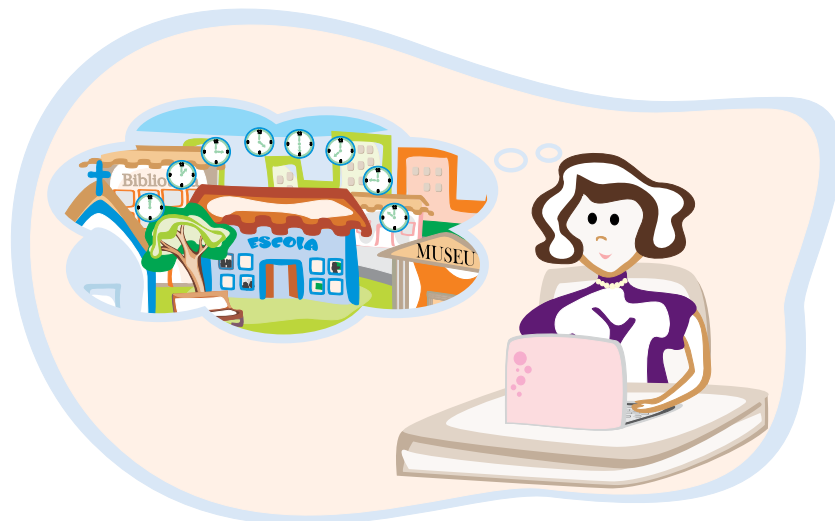
Ainda que você elabore um relato de experiência de inserção na escola integral, conhecer o processo de elaboração de um projeto de intervenção pedagógica é fundamental para o exercício de sua função docente, uma vez que compreendemos que ao professor é fundamental a realização de pesquisa.

O passo inicial desta investigação propositiva que aqui se está delineando foi dado na primeira parte deste Módulo, quando você mapeou a realidade local e educativa do seu meio de atuação profissional. A partir de agora, de posse de tais informações, você irá elaborar uma proposta de intervenção ou, em casos específicos, descrever e analisar/avaliar um projeto que já esteja em andamento. Em relação ao desenvolvimento de plano de pesquisa voltado à escola, Bagno esclarece:

fazer um projeto é lançar ideias para frente, é prever as etapas do trabalho, é definir aonde se quer chegar com ele – assim, durante o trabalho prático, saberemos como agir, que decisões tomar, qual o próximo passo que teremos que dar na direção do objetivo desejado. (BAGNO, 2000, p. 22).

Além de pensar nas finalidades de um projeto, é necessário considerar um conjunto de outros elementos, procurando responder, entre outras, às seguintes indagações: O quê?; Por quê?; Para

quê?; Para quem?; Com quem?; Como?; Quando? Essas questões são esclarecidas na medida em que se concebe e elabora o projeto e podem ser elencadas ao longo da descrição de cada uma das seguintes etapas, necessárias ao projeto:



1. Título. Em geral, as propostas são provisoriamente batizadas de modo a, sucintamente, explicitar o tema. Na medida em que a proposta ganha corpo e se concretiza (ainda que como suposição), o título vai sofrendo modificações e aproximações daquilo que ele representa: o projeto, neste caso.
2. Introdução. Esta etapa envolve a descrição da realidade mapeada, a proposta em termos gerais, a exposição do problema, das necessidades; seus objetivos, público-alvo, atores envolvidos, a delimitação das áreas de conhecimento envolvidas, a metodologia de desenvolvimento e implantação. A introdução deve ser elaborada de modo a contemplar todas as etapas do projeto e também de modo a garantir a devida compreensão do conjunto. Por essa razão, recomenda-se que você inicie a concretização da manifestação da proposta pela introdução, ainda que textualmente esta seja a última seção a ser revisi-

tada. Quaisquer alterações relativas à concepção da proposta (seja em relação ao seu tema, objetivos, público, áreas contempladas, etc.) implicam a retomada do desenho da introdução.

3. Justificativa. Este é o espaço destinado à contextualização. Ele visa situar a proposta em determinado contexto, criar e explicitar a situação. Deve salientar a relevância e a importância do projeto, a sua viabilidade, os fundamentos teóricos e metodológicos, a contribuição ao público a que se destina.
4. Objetivos. É o que move o projeto, é aquilo que nos tira de uma dada situação para promover movimento, mudança. É a meta, o ponto de chegada, ao mesmo tempo em que representa o ponto de partida. Podemos, por exemplo, elaborar um projeto educativo para suprir carências do processo de ensino-aprendizagem. O objetivo indica o porquê e o para quê fazer, o que se quer atingir. Ele deve ser claro, simples, operacional, válido e observável. Os objetivos gerais, amplos e abrangentes, mas alcançáveis, podem se desdobrar em específicos, cuja função é expressar uma intenção particular dentro da geral.
5. Perguntas (ou questões) de pesquisa. As perguntas podem gerar e/ou auxiliar na identificação e delimitação do problema, no estabelecimento dos objetivos e na formulação de hipóteses. As perguntas também propiciam um ponto de partida para definir o processo e o método de pesquisa. Elas estão diretamente vinculadas aos objetos e objetivos de investigação. Para todas as perguntas de pesquisa deve haver possibilidades de resposta. Não se elaboram perguntas de pesquisa que não possam, por meio de investigação, ser respondidas.

6. Hipóteses. Trata-se de suposições fundamentadas que se constituem como respostas plausíveis ao problema e às questões de pesquisa. As hipóteses são provisórias e podem ser refutadas ou não refutadas, dificilmente sendo categoricamente confirmadas. Um mesmo problema pode gerar mais de uma hipótese, desde que se vislumbrem diferentes possibilidades de respostas plausíveis e observáveis. Para se constituir como hipótese, a manifestação lingüística deve ser assertiva e requerer investigação, busca por resposta. As hipóteses precisam ser consistentes, verificáveis, simples, fundamentadas, específicas, claras, profícuas. A hipótese não é o pressuposto teórico, assim como não se trata de achismo ou inferência. Nem todo projeto requer elaboração de hipótese, uma vez que nem sempre se propõe testar ou observar algum fenômeno. Além disso, para que se formule uma ou mais hipóteses de pesquisa, é preciso que se argumente e justifique a plausibilidade de tal suposição.
7. Revisão da literatura. Trata-se da revisão sucinta e articulada do(s) suporte(s) teóricos que embasam a proposta apresentada. A revisão da literatura deve contemplar discussões relevantes e atualizadas acerca do tema e/ou problema de pesquisa. Esta revisão se constitui de um texto (com uma ou mais seções, dependendo do projeto) expositivo e argumentativo, no sentido de esclarecer as bases, mas também se posicionar quanto à seleção daquilo que fundamenta a proposta. Relevância, robustez, unidade e informatividade são condições que devem ser respeitadas na seleção e construção de um aparato teórico. Todas as fontes de consulta devem ser indicadas tanto nesta seção quanto nas Referências (ao final do projeto).
8. Metodologia. É a descrição do modo como se pretende conduzir a proposta apresentada, dos meios de obtenção

e análise dos dados, do desenvolvimento passo a passo das atividades. Na metodologia, é preciso que você, já tendo esclarecido qual tipo de pesquisa está sendo conduzida, estabeleça critérios e indique os caminhos percorridos e a percorrer.

9. Recursos humanos e financeiros. Nesta etapa, você deve descrever quem e o que cada pessoa fará, os recursos necessários (plano de custos) e os disponíveis (há edital, há previsão de financiamento, de patrocínio?), quais serão as parcerias para a execução do projeto, etc.
10. Resultados esperados. Os objetivos e as hipóteses traduzem, de certa forma, os resultados esperados. Estes resultados evidentemente dependem de muitas variáveis que podem ser previstas ou não previstas no projeto.
11. Cronograma. O cronograma visa à organização da execução das etapas de implantação do projeto. Trata-se de quando se pretendem desenvolver as etapas das atividades propostas, da temporalidade relacionada à duração do projeto.
12. Referências. Todo projeto necessita de fundamentação. Quais são as fontes de consulta? Com quem se está dialogando? Qual a base teórica de elaboração da proposta? As referências devem respeitar critérios e normas, de modo a possibilitar que quaisquer leitores possam buscar as fontes mencionadas (o que evidentemente não implica localizá-las, uma vez que nem todas as fontes são de domínio público ou estão acessíveis). As referências devem ser indicadas conforme sugerem as normas oficiais. Há veículos de circulação (a exemplo dos periódicos) que estabelecem suas próprias normas; todavia, há regras gerais definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que se recomenda serem seguidas.

**Saiba Mais. Leia:**

Para desenvolver projeto de pesquisa, você pode consultar também :

APPOLINÁRIO, Fabio. Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, Francisco Tarciso. Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa (monografia, Dissertações, Teses e Livros). São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

Tal como aqui apresentado, o projeto de ensino é uma proposta por se realizar, é um roteiro, é um instrumento de planejamento, é a organização de ações daqueles que se envolvem com a educação. De acordo com Arendt (1992, p. 247), "a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens".

Nessa direção, esperamos que estas reflexões acerca da Educação Integral, venham contribuir na elaboração de um projeto de intervenção pedagógica, com vistas à renovação da educação básica.

Links importantes para auxiliar na realização do trabalho final do módulo:

- <http://www.bu.ufsc.br/design/Estrutura.html>
- <http://busca.unisul.br/pdf/trabalhosacademicos.pdf>

Livro on-line disponível: "Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a Prática" por Luis Paulo Leopoldo Mercado

[Leitura primordial para reflexão das práticas didáticas!!!](#)

Acesse em:

- http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bi7OpaxCJT8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=pesquisa+na+escola&ots=uyq_hgidea&sig=1kLsaWPpZN1m2pKLRJbok6eOOH4#v=onepage&q=pesquisa%20na%20escola&f=false
- [Modelo Projeto](#)
- [Modelo de Relatório](#)

WEBTECA:

[Os TEXTOS indicados na Webteca devem ser lidos !!!!](#)

- BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000
- RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa como ensino: textos de apoio, propostas de trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

Referências

ARENDR, H. Entre o passado e o futuro. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BAGNO, M. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUARÁ, I. M. F. R. Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. In: Em Aberto. Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: os saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LUNA, S. V. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

MÓDULOS do Curso Educação Integral e Integrada da UFSC, 2009 – 2010.

RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa como ensino: textos de apoio, propostas de trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Sobre os autores:

Ana Cláudia de Souza



Possui Pós-Doutorado (2006), Doutorado (2004) e Mestrado (1998) em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduiu-se em Letras Português/Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (1995). É professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui experiência de ensino e pesquisa na área de Leitura, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, alfabetização, memória, tradução e metáfora .

<http://lattes.cnpq.br/1625164543906424>

Clarícia Otto



Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) e Pós-Graduação (Doutorado) em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina. Áreas de atuação e interesse: teoria e metodologia da História e do seu ensino, História da Educação, campo religioso e educação, memória e patrimônio, a História ensinada nos primeiros anos de escolarização.

<http://lattes.cnpq.br/0534324380504876>